

O feminino como não-todo e a violência extrema: uma leitura psicanalítica do laço social contemporâneo

Heloísa da Costa Cabral Marinho e Silva ¹; Maria Eduarda Magalhães Correia de Araújo Motta²

¹ Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS–

heloisaccmarinhoo@gmail.com

² Universidade Católica de Pernambuco –UNICAP-
eduardamcamotta22@gmail.com

Palavras-chave: Feminino; Violência extrema; Psicanálise; Angústia; Real; Laço social.

RESUMO:

O presente trabalho propõe uma leitura psicanalítica da relação entre a emergência contemporânea do feminino, que se desloca do clássico olhar freudiano, redirecionando as reflexões para compreender o feminino na posição de gozo, alteridade e singularidade, e a produção de fenômenos de violência extrema. Fundamentado nas formulações de Jacques Lacan, o feminino é concebido como uma posição lógica situada no campo do não-todo, escapando à universalização fálica. Parte-se da hipótese de que a chamada “revolução do feminino” desestabiliza as coordenadas simbólicas tradicionais, incidindo sobre a economia psíquica dos sujeitos. Em determinados casos, tal incidência pode produzir respostas violentas, compreendidas como tentativas de tratamento da angústia diante do real, frequentemente sob a forma de passagem ao ato. Trata-se de um ensaio teórico que articula contribuições de autores clássicos da psicanálise, visando compreender impasses contemporâneos na relação com o feminino. (Lacan, 1972-1973/2008).

Desde Freud (1933/1996), o feminino se apresenta como um ponto de impasse teórico, sendo descrito como um “continente negro”, o que indica um limite estrutural ao saber. Lacan (1972-1973/2008) radicaliza essa formulação ao situar o feminino na lógica do não-todo, ou seja, como aquilo que não pode ser totalmente capturado pela função fálica. Tal concepção desloca o feminino do campo identitário para o campo lógico, evidenciando assim uma dimensão do real que escapa à simbolização e introduz uma falha estrutural no laço social.

Diante dessa perspectiva, a emergência contemporânea do feminino pode produzir efeitos subjetivos significativos, sobretudo quando a figura masculina se confronta com a inconsistência das referências simbólicas tradicionais. Butler (2019) destaca que a transformação das normas de gênero implica uma reconfiguração dos modos de reconhecimento, produzindo efeitos na constituição subjetiva. Nesse cenário, a angústia surge como consequência do encontro com o real, podendo, em determinadas configurações, desencadear respostas de extrema violência (Lacan, 2005). Ainda na perspectiva lacaniana, a passagem ao ato constitui uma ruptura com a cena simbólica, representando uma resposta ao impossível de simbolizar (Lacan, 2005). Nesses casos, a violência pode operar como tentativa de eliminar o objeto que encarna a angústia, restaurar uma ordem simbólica ameaçada ou recusar o feminino enquanto alteridade radical (Soler, 2005; Miller, 2012).

No plano social, observa-se a intensificação de fenômenos como feminicídios e violência de gênero, que podem ser compreendidos como índices de impasses contemporâneos na relação com o feminino. Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2025) indicam aumento dos casos de feminicídio no Brasil, o que denuncia a persistência da violência extrema contra mulheres. Observa-se ainda que mulheres negras constituem a maioria das vítimas, evidenciando a articulação entre gênero e raça.

A noção de necropolítica proposta por Mbembe (2018) contribui para refletir e questionar como determinados corpos são mais expostos à violência e à morte. Nesse sentido, o corpo da mulher negra, historicamente marcado por processos de objetificação e desumanização, ocupa posição de maior vulnerabilidade no laço social contemporâneo. Žižek (2014) contribui ao indicar que a violência pode funcionar como tentativa de reinscrição de uma ordem simbólica em colapso. Dessa forma, o feminicídio pode ser observado, em determinados casos, como tentativa de eliminar o enigma encarnado pelo feminino, isto é, o ponto de não-tudo que desorganiza a economia psíquica do sujeito (Segato, 2016). Klein (1991) destaca que dificuldades na elaboração de sentimentos de inveja, persecutoriedade e destrutividade podem favorecer movimentos de ataque dirigidos ao objeto percebido como ameaçador. Esta noção contribui para pensar os modos pelos quais a alteridade pode ser vivida como fonte de angústia e, em determinadas circunstâncias, mobilizar respostas violentas.

Conclui-se que a violência extrema contra a posição feminina pode ser compreendida, em determinados casos, como resposta subjetiva ao encontro com o feminino e com a alteridade radical, enquanto dimensão do real. A psicanálise, ao sustentar a singularidade da resposta subjetiva, aponta para a possibilidade de invenção singular diante do impasse do gozo, sem recorrer à eliminação do outro como forma de tratamento do impossível. Contudo, a psicanálise permite compreender a violência extrema como índice de impasses contemporâneos no laço social, destacando a importância de abordagens que articulem clínica, cultura e política na compreensão desses fenômenos.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2025**. São Paulo: FBSP, 2025.

FREUD, Sigmund. **Feminilidade**. In: **Novas conferências introdutórias à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 113-138.

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MILLER, Jacques-Alain. **Mulheres e semblante I**. Opção Lacaniana Online, São Paulo, ano 3, n.7, 2012.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. São Paulo: Boitempo, 2014.